

Corpos performativos: Os entre-lugares e as zonas Queers em Lady Gaga¹

Júlio César Sanches²

Resumo:

Essa comunicação apresenta algumas reflexões sobre a performatividade de gênero postulada por Judith Butler. A partir de uma abordagem butleriana de gênero, é possível assegurar a existência de corpos que mesmo inclusos nos dispositivos da sexualidade heteronormativa burlam as normas culturais de gênero – o queer. Entre as múltiplas tecnologias do gênero, a performatividade caracterizada como simulacro do corpo. Com isso, pretendemos discutir o caráter simulador de performance de gênero nos meios de comunicação. Como suporte analítico, elencamos os videoclipes da cantora Lady Gaga que é reconhecida pela aparência camp, para discutir os conceitos de performatividade (Butler) e entre – lugares (Bhabha).

Palavras – chave: performatividade; gênero; queer; Lady Gaga; entre – lugares.

Abstract:

This communication presents some reflections on the performativity of gender postulated by Judith Butler. From a gender's butlerian approach, it is possible to guarantee the existence of bodies that even included the same provisions of heteronormative sexuality deceit cultural norms of gender – the queer. Among the many technologies of gender, performativity is characterized as a simulacrum of the body. We intend to discuss the gender performance's simulator character in the media. As analytical support, we have listed some of Lady Gaga's videoclips, whose artist is recognized by the camp appearance to discuss the concepts of performativity (Butler) and between-spaces (Bhabha).

Keywords: performativity ; gender ; queer ; Lady Gaga ; between-spaces.

O conceito de performatividade

John L. Austin formulou a teoria da performatividade linguística. Esse conceito consiste num longo processo reiterativo das palavras para tornar concreta a concepção das coisas. Nessa perspectiva, Austin argumenta que a linguagem torna-se um discurso formador e delimitador dos objetos. A fala desempenha o papel de instrumento formativo, e, além disso, performativo. Neste estágio, a performatividade é o ato ritualístico do discurso que concebe as coisas, esse ato torna os conceitos inteligíveis, dessa forma, a linguagem concebe, molda e institui os objetos.

¹Este texto foi publicado nos anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Curitiba UTFPR, 2010. A publicação deste texto no nosso volume foi autorizada pelo autor.

²Graduando de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), integrante do grupo de pesquisa CUS – Cultura e Sexualidade (CULT/UFBA) - , bolsista de políticas afirmativas da Pró-reitoria de Políticas afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE/UFRB). juliocesar_black@yahoo.com.br

A teórica queer Judith Butler (1998) utilizou a teoria da performatividade de Austin, associada à fenomenologia merleau pontyana, para argumentar que os gêneros são produtos performativos, quer dizer, também passam pelo crivo do tornar-se. Na concepção butleriana de gênero, somos frutos do discurso que formatam nossos corpos. Assim, não nascemos homens ou mulheres, mas nos tornamos homens e mulheres através dos atos reiterativos que formam os gêneros. Com essa afirmação, Butler traz a tona o debate sobre a epistemologia do gênero. Existiriam corpos que não fossem datados pela linguagem? Existiria o corpo pré-cultural? Essas perguntas rondam o argumento de Butler.

A teórica argumenta que a nomeação dos corpos materializa características específicas de gênero. Essa nomeação permite a construção de tecnologias que constroem o corpo a partir do gênero. Com isso, a materialização do corpo está intrinsecamente ligada ao gênero. Porém, para essa materialização do gênero ser assegurada é necessário atos de reiteração sobre o corpo. A reiteração permite a materialização e assim por diante. Dessa forma, os gêneros podem ser concebidos como performativos. A autora destaca que: “A performatividade não é, assim, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2001, p.167).

A materialização do corpo possuidor de pênis ou vagina enquadra a possibilidade de inserção na cultura através do gênero inteligível masculino ou feminino. “Gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm a relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p.38) (grifos da autora). Butler ao falar da inteligibilidade dos gêneros destaca que a performatividade consagra a matriz heterossexual por meio do discurso do dimorfismo sexual. Assim, os corpos que não se enquadram no binarismo homem/mulher são considerados produtos abjetos, quer dizer, sem valor de vida.

A instituição da performatividade de gênero se dá na constituição da gestação no seio da parentalidade heterossexual. A nomeação: é um menino ou é uma menina cria a carga simbólica performativa entorno do corpo do feto. A simbologia do corpo performatizado permite a construção imagética de uma linha que sustentaria os gêneros. O corpo como produto simbólico de um gênero é regulado por meio da performatividade e das práticas culturais performativas. A tecnologia social da performatividade de gênero está associada diretamente ao corpo, por isso se um corpo possuir um pênis consequentemente possuirá um gênero masculino. A essa norma, Butler chama de heterossexualidade compulsória, pois existiria uma compulsão entorno da ideia de naturalidade da heterossexualidade. A performatividade por ser uma tecnologia social que assegura o binarismo homem/mulher também esconde o seu papel regulatório, por isso, as normas regulatórias da

performatividade de gênero funcionam como um ideal regulatório foucaultiano, ou seja, a existência do corpo já instaura a performatividade.

A vivência dos gêneros para Butler está no campo do discurso, mas esses discursos se materializam a partir de normas regulatórias ritualizadas. O discurso como performatividade está arraigado na cultura em variadas formas. Portanto, o discurso para Butler extrapola o campo da fala e passa a ser concebido como atos, comportamentos e ações direcionadas e demarcadas de gênero.

As performatividades de gênero iram se constituir no campo social, onde as performances públicas de gênero reforçam o papel normativo do binário homem/mulher. Tais performances são produzidas a partir de códigos culturais postos como elementos formadores do gênero. A performatividade como elemento de agência do gênero deve ser inscrita no espaço social geral, tornando naturais tais apresentações corporais.

Marcações corporais como seios grandes, cabelos curtos, pêlos ao redor do corpo são datadas na cultura como marcas de gênero, obviamente, dentro do código binário da heterossexualidade. As performances de gênero no espaço social são estabelecidas com a relação corpo/aparência, relação esta que forma e assegura o caráter simulador da performance de gênero. Pensar em performatividade é também associá-la à pedagogia do corpo. O corpo é datado, nomeado, regulado e demarcado com a tecnologia performativa do gênero. Homens e mulheres são construídos na teia das relações culturais estabelecidas pelo discurso do corpo. Com isso, a performatividade do corpo torna-se o produto final de um gênero reconhecido na lógica social. “Cuando esta concepción de performance social se aplica al género, es claro que, sin bien son cuerpos individuales los que actúan esas significaciones al adquirir el estilos de modos generalizados, esta “acción” es también inmediatamente pública” (BUTLER, 1998, p.307).

A performatividade como produto de uma tecnologia social regulatória torna o corpo objeto de vigilância, mas ao mesmo tempo, de desprezo social quando não enquadrado nos moldes performativos inteligíveis. Neste contexto, a abjeção surge como efeito da negação de práticas que subvertam as normas estabelecidas pela heteronormatividade. O simulacro do gênero reside na perspectiva corporificada da performatividade. A ficcionalidade do gênero é construída a partir de discursos dinamizados pelas tecnologias sociais que regulam a reprodução. Berenice Bento (2006) destaca que a repetição de valores heteronormativos permite a consolidação da ideia de naturalidade dos gêneros binários. Bento argumenta que a tecnologia regulatória dos corpos conectada ao discurso performativo cristaliza a concepção de corpos naturais.

Uma das formas para se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, com aparências “naturais” e disposições heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos (BENTO, 2006, p.1).

A reprodução da lógica binária dos gêneros sobre os corpos necessita da enunciação performativa da diferença sexual. A enunciação do sexo sobre o corpo permite a construção da citacionalidade performativa que emerge os gêneros. Butler (2001) compreende a construção do gênero a partir de um enunciado performativo que adquire o papel citacional, quer dizer, o código que institui o gênero é o mesmo que surge enquanto gênero. Assim, as normas regulatórias citacionais mobilizam ações, mas essas ações simulam naturalidade.

A formação, a manufatura, o suporte, a circulação, a significação daquele corpo sexuado – tudo isso não será um conjunto de ações executadas em obediência à lei; pelo contrário, será um conjunto de ações mobilizadas pela lei, será a acumulação citacional e a dissimulação da lei produzindo efeitos materiais, será a necessidade vivida daqueles efeitos e a contestação vivida daquela necessidade (BUTLER, 2001, p.166).

A teoria da performatividade de gênero de Butler revisita os questionamentos da teoria feminista sobre os limites do discurso na construção dos corpos. Mas o aspecto mais instigante da obra de Butler habita na experiência dos corpos que não se conformam com as normas. A construção do circuito performativo dos gêneros descrita por Butler permite a construção de corpos que não se enquadram na lógica dos sexos, gêneros, desejos e práticas inteligíveis.

As práticas, desejos e materializações abjetas são concebidas, segundo Butler, no seio da materialização e da nomeação da norma. Por isso, a autora destaca o papel ficcional como elemento fundamental de seu argumento. Conseqüentemente, a heterossexualidade é concebida como uma cópia do discurso que a formou, não obstante, a homossexualidade também seria um elemento ficcional. Assim, Butler pretende demonstrar que a construção da matriz heterossexual como norma é uma cilada do discurso performativo e citacional em torno dos gêneros inteligíveis.

Identificação e enunciação

A crítica dos estudos pós-coloniais – assim como dos estudos queer – reside na contestação dos conceitos binários que regem a cultura ocidental. Para iniciar a discussão é necessário prescrever como a performatividade é reproduzida na cultura. Muitas são as concepções de reprodução da heterossexualidade, porém, poucas evidenciam o caráter teatral dos gêneros e a construção performativa das identidades sexuais. Segundo Stuart Hall (2006), uma identidade é construída a partir de processos linguísticos/discursivos no interior das relações de poder. Assim, uma identidade

é formatada na negociação de crenças, valores e características a partir do outro. Portanto, as identidades são formadas na dialética entre o eu e o outro.

A perspectiva de estudos sobre identidade reforça os argumentos de conflitos entre os sujeitos a partir da negociação de poder existente entre eles. Apesar de a identidade ser um *constructo* social, ela também é concebida como produto performatizado, ou seja, as identidades acorrentam os sujeitos na malha discursiva. Por isso, ao dizermos eu sou homem ou eu sou mulher, acionamos os discursos performativos da identidade para indicar o que somos, e não para relatar o que nos tornamos. A concepção essencialista de identidade é questionada por Hall (2006) por assegurar um caráter de estabilidade aos sujeitos, e por não revelar as diversas conexões identitárias de raça, gênero, geração e nacionalidade que nos atravessa.

Na argumentação de Hall, a contemporaneidade ou pós-modernidade foi o momento de deslocamento e fragmentação da concepção de identidade, por isso, as problematizações advindas dos movimentos feministas, gays e negros tornaram esse conceito instável e questionável. Ao deslocarmos o conceito de identidade do nosso argumento, podemos utilizar o conceito de identificação como elemento plástico para nosso pensamento. As identificações devem ser concebidas enquanto processo ambíguo, instável e inconclusivo do sujeito. Assim, as identificações nada mais são do que processos de reconhecimento e utilização de valores, artefatos e estilo de vida de forma efêmera, provisória e ritualizada. As identificações permitem reconhecer a existência de experiências e vivências longe da dialética esquizofrênica e binária do homem/mulher ou heterossexual/homossexual. Dessa forma:

Essa concepção [identificação] aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos (HALL, 2009,p.108) (grifo nosso).

A utilização da identificação como elemento de análise abre caminho para reconhecermos o papel estético, político e cultural da subversão dos gêneros. Outra característica pertinente às identificações está alocada na utilização do discurso na enunciação de novas experiências. O crítico indo-britânico Homi K. Bhabha (1998) reconhece na enunciação o poder de revelar os jogos de negociação existente nas relações contemporâneas. Para Bhabha, a enunciação consiste numa lógica de ascensão de sujeitos híbridos que rompem com os corolários das representações culturais hegemônicas. Esse processo enunciativo ocorre quando os sujeitos reivindicam para si identificações que contrastam com os valores hegemônicos, e articulam novos arranjos culturais, tornando

incompletas as posições identitárias ao redor do eu. Dessa forma, o processo enunciativo é destacado enquanto argumentação política dos subalternos, diaspóricos e abjetos sociais.

O enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultado de antagonismos e articulações culturais – subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando os lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural (BHABHA, 1998, p.248).

A enunciação se consolida enquanto projeto político ao se associar às identificações. É na ambigüidade da enunciação que o desejo político dos sujeitos se encontra. Bhabha ainda destaca que a pós-modernidade celebra os interstícios ou os limites das políticas de identidade. Nesse cenário, a vida na fronteira é reconhecida como elemento formador da subversão e contestação dos valores hegemônicos de raça, gênero, sexualidade e geração.

A condição pós-moderna é compreendida como manifestação de valores dissidentes, onde os questionamentos são realizados na prática discursiva da enunciação, que pode ser acionada de modo performativo pelos sujeitos que se movem na articulação com as identificações. Com isso, Bhabha conclui que:

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – são mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas (BHABHA, 1998, p.23-4).

As argumentações de Bhabha se inscrevem na crítica da existência de fronteiras que demarcariam os limites das identidades. Mas o aspecto relevante desta abordagem é evidenciar as experiências de subjetividade e as práticas exercidas em locais inóspitos e obscuros para a inteligibilidade cultural da linguagem. As “quimeras pós-modernas” – nas palavras de Bhabha – são aquelas produções subjetivas que se materializam na vivência performativa dos sujeitos que burlam os parâmetros da representação enquanto elemento pertencente à lógica da identidade. Com isso, acreditamos que a posição dos estudos pós-coloniais, assim como os estudos queer, de enfrentar politicamente os sistemas de representação opressivos da cultura é relevante para vislumbrarmos novos horizontes e perspectivas do sujeito.

Lady Gaga – o Camp e os entre – lugares

A inexistência de agências e identidades consolidadas como únicas permitiu a construção de valores estéticos, artísticos e políticos que extrapolassem a fronteira do imaginável. A experiência de

viver e celebrar locais móveis de identificação é referenciado na mídia pela figura da cantora norte-americana Lady Gaga. Gaga é reconhecida como fenômeno midiático desde 2008, quando lançou o álbum *The Fame*. A estética e a política de representação dos seus videoclipes tornaram-se objeto de discussões relativas à ambiguidade de seu corpo e os discursos levantados pelas suas produções áudio visuais. A aparência da cantora pode ser relacionada com a estética Camp.

O Camp, como elemento de negociação estética, pode ser conceitualizado através do papel da subversão do corpo. Os elementos formadores dessa aparência residem na perspectiva de exacerbação do artifício como subsídio da apresentação do corpo. Assim, o Camp está enraizado nas diversas culturas; e surge como elemento de contestação dos valores binários. Denílson Lopes articula o camp com uma poética/estética do artifício. Lopes argumenta que: “O artifício possui um vasto campo semântico, da teatralidade barroca à simulação midiática, da tradição do travestimento nas artes cênicas aos desafios da performatividade do sujeito contemporâneo” (LOPES, 2002, p.104). Com isso, o artifício da performance Camp possui um valor cultural importante para as relações sociais contemporâneas.

Lopes associa a aparência camp ao papel da subversão dos valores hegemônicos sociais. Para o autor, o comportamento camp ressalta a ambiguidade e o deslocamento relativo às posições hegemônicas. Assim, “O camp aparece como uma estratégia corrosiva da ordem, no momento em que políticas utópicas e transgressoras parecem ter se esvaziado de qualquer apelo (...)” (LOPES, 2002, p.103).

A performatividade camp aciona o campo simbólico entorno das ficções de gênero asseguradas pela citacionalidade do discurso do corpo. O papel de alteridade dos sujeitos da subversão faz do cotidiano e dos espaços públicos a arena de personas performatizadas em gênero e sexualidade. Com isso, “Camp vê o mundo com um teatro em que suas representações são cotidianas e, são sempre relacionadas ao exagero de características estéticas que consagram o corpo e a aparência como *modus vivendi*” (SANCHES & CIDREIRA, 2009, p.13).

A presença de um corpo que incomoda as fronteiras epistemológicas da aparência e da performatividade de gênero é constantemente reiterada pela persona de Lady Gaga. Michel Maffesoli (1998), em seus estudos, considera que a contemporaneidade é marcada por um imaginário que enlaça as relações sociais e às atomiza em tribos pós-modernas. O discurso de Maffesoli se consolida a partir de uma ideia de identificação dos corpos pela aparência. Com isso, Lady Gaga é exposta enquanto persona. Maffesoli destaca que:

A pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio de diversas tribos de que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (MAFFESOLI, 1998, p.108).

A representação da persona de Lady Gaga é marcada por um posicionamento político que nega o lugar do hegemônico na constituição da aparência, sexualidade e política. No *theatrum mundi* da mídia contemporânea, as representações subversivas como Lady Gaga significam a quebra de valores estruturantes para as relações sociais contemporâneas (narcisismo e o hedonismo), ao mesmo tempo, essas representações nos impõem novas formas de identificação e enunciação contra-hegemônica. Os clips de Lady Gaga (Paparazzi, Bad Romance, Just Dance e Poker Face) são símbolos da pós-modernidade midiaticizada. A subversão da aparência e a ambiguidade de gêneros e desejos são os principais elementos do papel político dessa representação. Como destacou Bhabha, a política só se estabelece no enfrentamento de posições antagônicas, por isso, é possível considerar a existência do papel subversivo da política de representação da persona Lady Gaga.

O enfrentamento estético da cantora Lady Gaga é escancarado na representação de identificações sexuais antagônicas em seus videoclips. Por exemplo, o vídeo da música Paparazzi demonstra cenas de apelo erótico heterossexual (Gaga e um homem) e, ao mesmo tempo, traz a tona cenas de beijo lésbico entre três pessoas do gênero feminino (Gaga e duas mulheres). Paparazzi é um dos hits de maior sucesso da cantora, o que torna essa representação significativa no meio midiático. Poker Face é outra produção polêmica de Lady Gaga. A enunciação da sexualidade é demonstrada enquanto uma epifania corporal. Orgias, danças frenéticas e um estar-junto mediado pela sexualidade, esses são os compostos do clip Poker Face. O gênero em Lady Gaga é problematizado por demonstrar uma descontinuidade de práticas, desejos e performatividades, o que tornaria o gênero algo coerente na visão de Butler. A fluidez da sexualidade exposta nas letras e clips da cantora ressaltam a efemeridade do desejo e a inconstância dos corpos que não se conformam com as normas regulatórias do sexo, gênero, desejo e prática.

O gênero em Lady Gaga tem o papel de enunciador de uma ética subversiva para com a inteligibilidade da matriz heterossexual. A negação da heterossexualidade compulsória perpassa pela construção e vivência em zonas simbólicas que não sejam heterossexuais. Com isso, a reificação das zonas queers torna o sujeito um produto de efeitos performatizados através de novas identificações.

As produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de “sujeitos” que não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível (BUTLER, 2003, p.54).

A performatividade e a enunciação se materializam enquanto projeto político da subversão dos parâmetros compulsórios da sexualidade hegemônica. O queer se materializa numa prática de rompimento com a lógica binária sexual, onde novas produções estéticas e corporais reiteram a prática da desconstrução dos gêneros. O clip da música Bad Romance – do álbum The Fame Monster 2009 – reitera o conflito entre os gêneros demonstrado por Lady Gaga. Guacira Lopes Louro argumenta que a contemporaneidade permite a subversão dos gêneros através da paródia como elemento político de transgressão das normas. Gaga em Bad Romance parodia o gênero feminino exacerbando a aparência feminina, que em alguns momentos é relacionada com ciborgues, androides ou corpos controlados por normas (pastiche).

Na pós-modernidade, a paródia se constitui não somente numa possibilidade estética recorrente, mas numa forma mais efetiva de crítica, na medida em que implica, paradoxalmente, a identificação e o distanciamento em relação ao objeto ou ao sujeito parodiado (LOURO, 2004, p.85-86).

O hegemônico se concretiza numa estética do artifício subsidiada numa performatividade que enuncia um alargamento das políticas de representação. Beatriz Preciado está certa ao decretar o posicionamento radical das políticas queer pelo mundo. A autora advoga a favor do rompimento da sexopolítica que governa os corpos na sociedade. “A política das multidões queer advém de uma posição crítica em relação aos efeitos normalizadores e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades” (PRECIADO, 2003, p.6). Estar nas margens da sociedade e gozar de um posicionamento contra-hegemônico são os papéis do queer e das zonas queers na constituição dos entre – lugares e dos corpos que não se conformam com as práticas homogenizadoras da sexualidade heterossexual.

Considerações Finais

O objetivo geral desse trabalho é demonstrar as performatividades em cenários midiáticos. A cultura contemporânea por consagrar personas também transporta os valores por elas demonstrados. Lady Gaga ao surgir como fenômeno midiático foi exaltada por demonstrar aspectos estranhos da aparência e sexualidade. A performance de Lady Gaga inscreve no circuito midiático os discursos daqueles sujeitos que não pertencem à lógica hegemônica da sexualidade e *modus vivendi*. As discussões sobre a estética da subversão são interessantes por pontuar as zonas de transgressão da normalidade. É na construção de novos arranjos corporais que os sujeitos formam lógicas

subversivas, e na mídia o papel da construção da aparência segue a mesma lógica. Com isso, a formatação de sujeitos estranhos no espaço da mídia é interessante para iniciar atos performativos que exaltem as zonas deslocadas de gênero, sexualidade, raça e nacionalidade.

O interessante dessa perspectiva reside na conjunção de aportes teóricos, que dialogam diretamente com corpos que não se enquadram nos limites epistemológicos. Bhabha destaca essa característica exatamente porque existe uma similaridade de vozes dissidentes no mundo. Negros, homossexuais, mulheres e imigrantes falam de áreas que até pouco tempo não eram visibilizadas socialmente. Com isso, as multidões queers são formadas exatamente da comunhão de valores e experiências dialógicas entre tais sujeitos.

A teoria butleriana de gênero nos permite esmiuçar as características e atos que consagram os gêneros binários homem/mulher para além da performance social e da aparência. Os questionamentos de Butler são frutos de novos olhares sobre os sujeitos da sexualidade. Utilizar a teoria da performatividade associada à perspectiva pós-colonial de entre - lugares nos possibilita a reiteração de práticas que anteriormente foram compreendidas como patológicas e inconcebíveis pelos discursos médicos, jurídicos e sociais da cultura ocidental.

Celebrar a mobilidade dos corpos, e ao mesmo tempo fabricar novos, é o sentimento que move as perspectivas da teoria queer. O horizonte dessa teoria rompe com os valores dominantes que acorrentam as análises sociais. Como compreender os corpos estranhos senão através de práticas que também subvertam os cânones do pensamento. categorias que não compreendem toda a carga complexa da subjetividade das performatividades de gênero. Vale ressaltar que é na vivência e na experiência desses corpos que a lógica binária dos gêneros é contestada. Dessa forma, é na prática da subversão que as performatividades queers se estabelecem no meio social.

O uso da representação da Cantora Lady Gaga neste trabalho surge como elemento formativo, e ao mesmo tempo performativo, da consciência que as performatividades não se restringem às barreiras da experiência heterossexual e binária. Como destacou Preciado, as multidões queers estão alocadas no posicionamento da desidentificação. Como representar figuras irrepresentáveis? Esse questionamento move novas discussões. Porém, podemos destacar que a performatividade está inscrita numa malha cultural em que o subjetivo domina a experiência.

Agradecimentos

Agradeço aos mestres que me orientaram para os estudos das teorias subalternas, em especial, ao professor Leandro Colling por ter me iniciado nas pesquisas acadêmicas. Ao grupo de pesquisa

Corpo e Cultura da UFRB coordenado pelos professores Renata Pitombo Cidreira e Osmundo Araújo Pinho, na qual sou integrante, ao grupo de pesquisa CUS - Cultura e Sexualidade – da Universidade Federal da Bahia. Agradeço também à professora Maria de Fátima Ferreira por me encorajar a escrever esse trabalho, e aos queridos amigos que participam comigo das discussões sobre sexualidade, teoria queer e estudos pós-coloniais. À Pró-reitoria de políticas afirmativas e Assuntos Estudantis da UFRB, aos teóricos que me afetam com suas indagações, e por último, à todos os sujeitos que transgridem a norma e utilizam da subversão como projeto político de vida.

Referências Bibliográficas

- BENTO, Berenice. *Corpos e próteses: dos limites discursivos do morfismo*. Trabalho apresentado no seminário Fazendo gênero7, 2006. Disponível em:
http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf - capturado em 25 de janeiro de 2010.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.
- _____. *Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista*. Debate Feminista, México, v. 18, p. 296-314, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-130.
- LOPES, Denilson. Terceiro manifesto Camp. In: *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- PRECIADO, Beatriz. *Multidões queer: Notas para uma política dos “anormais”* In: *Multitudes no12*, 2003.
- SANCHES, Júlio César; CIDREIRA, Renata Pitombo. *O corpo é espetáculo: As personas e a estética contemporânea*. In: *Anais do X Seminário Internacional da Comunicação*. Porto Alegre: PUC-RS, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.73-01.